

“O ESTADO DE SÃO PAULO”
21 de julho de 2013

20:52 ESTADÃO: MINORITÁRIOS QUEREM BLOQUEAR BENS DE EIKE

Rio, 08/07/2013 - Na esteira da derrocada das ações das empresas X, acionistas minoritários das companhias tentam se articular para minimizar as perdas e encontrar eventuais culpados. Liderada pelo advogado Adriano Mezzomo, do Rio de Janeiro, a União dos Acionistas Minoritários do Grupo EBX (Unax) tenta reunir procurações de investidores locais e estrangeiros. Em comunicado divulgado ontem (8), o grupo diz que “estuda medidas judiciais e administrativas visando ao bloqueio de bens do senhor Eike Fuhrken Batista”.

Mezzomo diz que a associação ajudará a dar voz ativa aos acionistas no debate com as empresas e reguladores como a Comissão de Valores Mobiliários (CVM) e a Agência Nacional do Petróleo (ANP). A Unax busca ainda esclarecimentos de agências de classificação de risco e auditorias. Para Mezzomo, houve descompasso entre seus relatórios e a situação real das companhias X. “Precisamos analisar os fatos para então tomar as providências cabíveis. O que nos estranha é a rápida deterioração do grupo. Queremos entender o motivo”, diz Mezzomo, que também é acionista.

A iniciativa da Unax é paralela àquela organizada via Twitter por Willian Magalhães, acionista da OGX. Ele convocou um encontro de minoritários da petroleira para o dia 13 de julho, em São Paulo. A ideia é articular uma estratégia e, entre outros pontos, tentar instituir um conselho fiscal. A iniciativa foi barrada na assembleia geral ordinária (AGO) de abril.

A tendência é que os movimentos de minoritários das empresas X cresçam e sejam mais uma dor de cabeça para Eike. Mas, apesar da tentativa dos investidores, o jurista Nelson Eizirik, especialista em direito societário, não vê fundamentos para bloquear os bens de Eike Batista. “Ação é risco. O importante é saber se os fatores de risco estavam explícitos”, diz Eizirik. O que deverá ser apurado pelas autoridades é se a divulgação de informações induziu o investidor ao erro. **O sócio da consultoria Mesa Corporate, Renato Chaves**, frisa que parte da gritaria do investidor está ligada à falta de uma cultura de investimento em papéis de empresas pré-operacionais no Brasil, como a OGX, MMX e as demais companhias do grupo EBX. “Há opções mais seguras. Se o investidor aposta na ação de um projeto que vai sair do zero tem que saber que o risco é maior, assim como a potencial rentabilidade”, explicou Chaves. (Mariana Durão)